

**A AGONIA DO HOMEM ANTE O DESAMPARO NA SOCIEDADE
CONTEMPORÂNEA À LUZ DO PENSAMENTO DE GABRIEL MARCEL**

THE AGONY OF MAN BEFORE ABANDONMENT IN CONTEMPORARY SOCIETY IN
THE LIGHT OF GABRIEL MARCEL'S THOUGHT

Genival Oliveira Carvalho¹

Resumo: O homem contemporâneo é um ser que agoniza e a Segunda Guerra Mundial foi somente a última enfermidade que atacou a esse ser moribundo. Porém, a morte de Deus na obra de Nietzsche não significa, segundo Marcel, a morte do Deus da Revelação, senão a do Deus da Teodicéia. O homem contemporâneo sabe cada vez menos quem é porque não tem uma resposta única e simples à pergunta: quem sou? Para Marcel, a resposta que pede a pergunta do "homem do barraco" não pode vir nem do Estado nem da sociedade em geral, nem tampouco de outro indivíduo ou de outro homem que tenha uma vida própria. Somente Deus possui a resposta para a pergunta que se coloca o homem do barraco e o homem problemático. Por isso, se Deus não existe, o homem está, inevitavelmente, conduzido à agonizante situação de não poder saber quem é.

Palavras-chave: agonia do homem, desamparo do homem, homem do barraco, homem problemático, morte de Deus.

Abstract: Modern man is a dying being and the Second World War was only the last illness that attacked him. However, the death of God in Nietzsche's work does not mean, according to Marcel, the death of the Revelation God but that of the God of theodicy. Modern man is increasingly unclear about who he is because he does not have a single, simple answer to the question: Who am I? For Marcel, the answer that the question from the "man in the shed" demands can not come neither from the State nor from society at large, nor from another individual or another man who has a life of his own. Only God has the answer to the question that asks the man in the tent and the troubled man. So if God does not exist, man is inevitably led to the agonizing situation of not being able to know who is.

Keywords: Man agony, helplessness of man, Tent Man, man problematic, death of God.

¹ Doutorando em Ciência da Religião pela PUC/SP. olgenival@hotmail.com

[revista Último Andar (ISSN 1980-8305), n. 27, 2016]

Introdução

O presente trabalho nos insere na dramática situação de desamparo do homem contemporâneo à luz da vivência e do pensamento de Gabriel Marcel. O artigo visa suscitar um debate sobre o papel da religião e do Estado, em confronto com o pensamento de Marcel, a cerca da agonia do homem ante o desamparo da sociedade contemporânea. Veremos a relação existente entre a morte de Deus, decretada por Nietzsche, e tal situação do homem. Três imagens, interpretadas por Marcel, ilustrarão a situação do homem contemporâneo: o “homem problemático”, o “homem do barraco”, e o “homem agonizante”. Perpassará todos os temas a possibilidade de uma resposta religiosa ao tema da angústia, sempre em Gabriel Marcel.

O homem problemático

Já na introdução à primeira parte da sua obra *L'Homme Problématique*, Marcel formula uma questão fundamental: “Em que condições o homem pode tornar-se integralmente em uma questão para si mesmo?” (MARCEL, 1955, p. 9).

Em outras épocas, Marcel sugere que o homem encontrava respostas mais seguras para suas indagações:

[...] É evidente que há muitos séculos, e já na Antiguidade grega, o homem questionou a si mesmo sobre suas origens, sua natureza ou seu destino. Porém, continua Marcel, pode pensar-se que estas questões por mais graves que pudessem ter sido, se destacavam sobre o fundo de certa segurança, de uma certa evidência. O que podia expressar-se dizendo que seu espelho interior devolvia ao homem uma imagem que em si não tinha nada de inquietante. (MARCEL, 1955, p. 9)²

O homem contemporâneo, é, antes de tudo, um homem problemático, um ser que não sabe quem é:

[...] O ponto central parece-me ser o seguinte: “um ser cuja originalidade mais profunda consiste talvez não somente em questionar sobre a natureza das coisas, senão em questionar-se sobre sua própria essência.” (MARCEL, 1955, p. 73)

O homem contemporâneo sabe cada vez menos quem é porque não tem uma resposta única e simples à pergunta: quem sou? (MARCEL, 1955, p. 74). Além do mais, segundo Marcel, o aumento de conhecimentos sobre si mesmo põe em causa a legitimidade da pergunta.

² Tradução nossa.

Cada vez mais, tem mais força a postura positivista que declara como carentes de sentido todas as perguntas pela essência ou o destino do homem, já que não podem ter uma resposta científico-positiva (MARCEL, 1955, p.74).

No entanto, para Marcel, a redução positivista é inválida, pois a própria liberdade é superior a estes dados objetivos. Embora, ao superar os dados objetivos, a liberdade deva evitar cair na outra grande tentação: absolutizar-se. Nas palavras do próprio Marcel:

[...] Esta tentação pode e deve ser superada pelo ato mesmo de uma liberdade que se reconhece irreduzível a todos os dados do saber positivo. Porém aqui surge uma nova tentação, a do orgulho idealista, que erige essa liberdade em absoluto e conclui senão na negação expressa do ser, pelo menos, em seu enfraquecimento indefinido. Corresponde à liberdade chegada ao ponto em que alcança a mais alta consciência de liberar-se de certo modo de si mesma, quero dizer, de sua disposição perversa a afirmar sua auto-suficiência, e esta libertação não pode ser mais que um ato de humildade pelo qual se imola diante da graça (MARCEL, 1955, p. 74-75).

Assim, a liberação do reducionismo positivista e da absolutização da liberdade é a humildade. Já que o ato de humildade é a libertação do homem, a interrogação por si mesmo se transforma em um chamado que pode ser enunciado do seguinte modo: "tu que és o único que possuis o segredo do que sou e do que posso chegar a ser" diga-me quem sou (MARCEL, 1955, p. 75). Para Marcel, somente Deus possui a resposta para a pergunta colocada pelo homem problemático. Por isso, se Deus não existe, o homem está inevitavelmente conduzido à agonizante situação de não poder saber quem é.

Por outro lado, que a agonia do homem e a consciência desta tenham-se manifestado historicamente não significa que a angústia e a falta de resposta sejam somente uma característica da civilização contemporânea, pois a possibilidade de inquietar-se e de se converter no próprio carcereiro "não pode estar mais do que enraizada profundamente na nossa estrutura". Para Marcel, a inquietude humana é algo necessário, que está fundamentado na insuficiência radical do homem. A inquietude só é uma manifestação da necessidade de transcendência que o homem sente diante de um mundo cada vez mais centrado em si mesmo e em vias de encerrar-se na imanência total (MARCEL, 1955, p. 111-112). No entanto, esta inquietude deixa de ser algo positivo quando se transforma em angústia, pois bloqueia o homem em vez de lhe permitir transcender-se. Todavia, ao olhar atentamente o homem problemático, se descobre que este é um homem angustiado e não somente inquieto. Isto explica, segundo Marcel, que a angústia se apresente como um elemento chave não somente no pensamento de Heidegger, mas também no de Sartre (MARCEL, 1955, p. 135-151).

Esta passagem do homem inquieto ao homem angustiado foi influenciada de forma considerável pelo fato de que hoje em dia os problemas são abordados no âmbito planetário. As questões abordadas em determinadas zonas do planeta influenciam na totalidade dele, o que provoca uma consciência planetária que agrava ainda mais a angústia (MARCEL, 1955, p. 170-171), pois este caráter planetário dos problemas rompeu com a imagem que o homem possuía de estar em um mundo pequeno e protegido do que ocorria fora desse espaço reduzido. Nas palavras dele:

[...] Cada um de nós deve dar-se conta de que sua vida pessoal pode ser totalmente transformada por consequência de uma série de acontecimentos que se desenvolvem em uma parte do mundo onde nunca colocou os pés e da que quiçá tem uma vaga imagem (MARCEL, 1955, p. 171).

Outro fator muito importante desta transformação foi, de acordo com Marcel, a consideração funcional do homem ou “a desorientação da ideia de função” (MARCEL, 1949, p. 35). O homem é visto pelos demais e por si mesmo como um conjunto de funções, sejam elas sociais, vitais ou psicológicas, o que conduz a uma visão desumana de si mesmo, que implica na angústia diante da falta de reconhecimento (MARCEL, 1955, p. 179). Esta funcionalização chega ao extremo de considerar o homem como um organismo que tem que ser mantido em condições ótimas. Daí se segue, segundo Marcel, que cada vez está mais difundida a ideia de que é necessário submeter-se a revisões periódicas que certifiquem a perfeição do próprio estado. Nesta visão de homem, a clínica aparece como o lugar de controle e de reparação e a morte como um estar fora de uso (MARCEL, 1949, p. 36).

Um mundo funcionalizado até estes extremos é um mundo objetivado, que está rodeado de uma atmosfera de profunda tristeza³. Marcel deu os exemplos do aposentado e do trabalhador que aos domingos não sabe o que fazer porque não tem trabalho. Esta sensação de tristeza é sentida por estes seres, não somente os envolve e “este mal-estar é suficiente para demonstrar que existe aí um erro ou um abuso” (MARCEL, 1949, p. 37). Um mundo baseado na ideia de função é um mundo vazio e oco, que conduz ao desespero. É um mundo no qual o mistério desapareceu dando lugar a ideia de que tudo é natural ou normal. Além do mais, é um mundo despersonalizado, já que a função despersonaliza o homem. E, sobretudo, segundo Marcel, é

³ Para Marcel, a funcionalização e a objetivação estão estreitamente unidas à abstração (TROISFONTAINES, 1968, p. 79).

um mundo no qual se corre cada vez mais o risco de que o estado pretenda regular e controlar tudo, convertendo-se deste modo em um tirano⁴.

Num mundo assim só existem problemas, mais ou menos difíceis de resolver, e a exigência de ser está totalmente silenciada (MARCEL, 1949, p. 38). Este mundo só poderia conduzir à despersonalização, que seria especialmente patente no caso de médicos e enfermeiras: em um mundo funcionalizado e estatizado não é difícil encontrar enfermeiras ou médicos capazes de abandonar um enfermo porque sua jornada laboral acabou e eles não devem nada ao Estado. Um mundo assim produz seres desumanos que são funcionários até a medula dos ossos, pois o trabalho perdeu sua dignidade e se converteu em um meio para ganhar a vida. O funcionário é, para Marcel, um homem profundamente ressentido e sem criatividade, que em seu trabalho busca unicamente a segurança (MARCEL, 1968, p. 31-32). Em troca, sua vida se centraliza em outras questões, principalmente naquelas atividades que produzem prazer. Sua vida se centraliza em vencer o tédio e o conseqüente desespero (TROISFONTAINES, R. *Existence*, I, 1968, p. 88).

Diante de semelhante mundo, o homem sente, segundo Marcel, uma profunda exigência de que haja ser (MARCEL, 1971, p. 47-66; MARCEL, 1954, p. 200). A vida só pode recuperar sua consistência se vê a si mesma como uma exigência de ser. Porém, a exigência de plenitude pode ser negada, mesmo que isso seja um ato ditador: “a exigência ontológica não pode ser reduzida ao silêncio mais que por um ato arbitrário, ditatorial que mutila a vida espiritual em sua raiz mesma” (MARCEL, 1949, p. 40). Segundo Marcel, um mundo no qual a exigência ontológica é negada é um mundo cada vez mais tecnicizado e mais funcionalizado, no qual a esperança torna-se cada vez mais difícil, pois “há realmente uma correlação dialética íntima entre um otimismo do progresso técnico e uma filosofia do desespero” (MARCEL, 1949, p. 54). O mundo contemporâneo é, como diz um dos personagens do teatro de Marcel, “um mundo roto” (MARCEL, p. 121). A civilização contemporânea é a do homem agonizante, a do homem problemático, a do “homem do barraco”, que já não sabe quem é e que diante da pergunta angustiada por si mesmo e pelo sentido de sua vida só encontra a falta de resposta. É a civilização do homem que se identifica cada vez mais com suas funções, até o ponto de ir silenciando progressivamente sua exigência de ser e de plenitude (TROISFONTAINES, R.

⁴ Segundo Marcel, a sociedade tende a absorver o homem. Conferir M.E.I., p. 56 (MEI = MARCEL, Gabriel. *Le Mystère de l'être*, vol. 1, Réflexion et mystère, Paris: Aubier, 1951).

Existence, I, 1968, p. 87). No mundo roto que traz a morte de Deus, só cabe esperar a morte do homem agonizante.

O “homem do barraco”

Marcel toma essa metáfora, “o homem do barraco”, da obra do filósofo alemão contemporâneo Hans Zehrer, intitulada *O Homem Neste Mundo*, publicada em Hamburgo em 1948 (MARCEL, 1955, p. 11), para ilustrar a situação do homem contemporâneo.

[...] Esse homem tem uns 45 anos. Os cabelos grisalhos. Poderia tomar-se de um sorriso irônico certo sorriso largo de seu rosto, porém pouco a pouco se descobre que esse sorriso largo deve ter outro significado, pois é permanente: melhor pensar em uma espécie de congelamento dos traços. Esse homem possuiu um lugar, uma casa com móveis, terras, uma fazenda, animais. Tinha pais, uma mulher, filhos, seres próximos habitavam seu contorno. Porém, já não tem mais o que tinha acima. Trabalha oito horas por dia, quiçá na reparação de um caminho; tem que comer mesmo que essa comida não seja boa. Quando não está demasiado cansado, pode conseguir pequenos trabalhos na aldeia, que o ajudem, que complemente sua alimentação, ou um pouco de tabaco. Não pode dizer-se que a coletividade não se preocupou com ele, e mesmo que ele não dissesse. Fala pouco, lento, circunspecto. Fala do que possuiu em outros tempos, dos seus, de sua fazenda e, então, torna-se em um ser humano no presente, enquanto que antes o era no passado; muito rapidamente cai no seu mutismo. Porém, já fala apresentando perguntas, sempre as mesmas, e, por certo, não espera obter resposta: quem sou? Por que vivo? Que sentido tem tudo isso?...

Assim, o homem do barraco ressuscita as grandes questões da humanidade e nos faz pensar. Mas é preciso saber onde procurar as respostas...

... O Estado não pode responder-lhe. Não conhece mais do que conceitos abstratos: emprego, reforma agrária, etc. O mesmo acontece com a sociedade em geral: o que existe para ela é o socorro aos refugiados, as ajudas de urgência, etc. Sempre abstrações. No universo do estado e da sociedade, esse homem já não representa nenhuma realidade viva. É um número em uma ficha. Dentro de um carpete que tem uma infinidade de fichas, cada uma com seu número. Sem dúvida, esse homem, não é um número, é um ser vivo, um indivíduo, e, enquanto tal, nos fala de uma casa, uma casa bem determinada que foi sua casa, dos seus que também foram indivíduos, dos animais cada um com seu nome. A tudo isso se refere esse homem quando aborda sua pergunta sem resposta: quem sou? Que sentido tem tudo isso? Por acaso, outro homem, também indivíduo, poderia dar explicações? Poderia fazer todos os esforços necessários para introduzir a nosso homem em sua própria vida, em seu universo, até podia compartilhar com ele o que possuía. Só que essa vida, esse universo, não são intercambiáveis e não seria uma resposta.

Coisa estranha, é justamente porque esse outro homem sabe quem é e porque vive que não pode responder à pergunta do homem do barraco. Só imperfeitamente pode compreender essa pergunta por que não sabe o que é haver perdido sua pátria, sua casa, com tudo o que ama. E, mesmo que tivesse perdido tudo isso, se encontraria na mesma, mais próximo, por conseguinte, porém, é provável que então se afrontaria a mesma pergunta, longe de poder respondê-la.

Deste modo, o problema se torna agudo. Não diz respeito a tal indivíduo em particular senão a todos os homens que vivem na mesma situação. A pergunta é como uma nuvem que flutua em cima do barraco, do campo inteiro, porém, existem muitos outros campos semelhantes. Pesa, sobretudo, esse país, sobre uma parte do mundo...

As perguntas, ao mesmo tempo em que nos impulsionam, também nos consomem:

... Nada preparava ao nosso homem para colocar-se essa pergunta. Antes, sabia quem era e por que existia e quando, animado por sua narração, torna-se por alguns instantes, em um homem vivente, o sabe de novo. Porém, os anos passam. Está atormentado, gasto, por essa pergunta sem resposta. Mesmo que surgisse ante o obscuro abismo do nada, ante o vazio absoluto, esse é seu destino. Um poder estranho e incompreensível lhe tirou tudo o que constituía seu, tudo o que lhe permitia adquirir forma.

Porém, esse homem não está ali simplesmente por ele mesmo, por sua própria conta. É também o último link de um desenvolvimento histórico, cuja última possibilidade sinaliza. Faz 30 anos que se prepara essa questão para todo um continente; e logo será para todo o planeta. (MARCEL, 1955, p. 11-14).

O homem atual é, pois, um ser que se pergunta por si mesmo. Em princípio, esta pergunta não é uma novidade, já que o homem sempre se perguntou por si mesmo. Sem dúvida, segundo Marcel, a peculiaridade da pergunta é que, atualmente, o homem carece de espelho interior capaz de devolver-lhe "uma imagem de si mesmo na qual ele não teria nenhum problema para reconhecer-se, uma imagem que não teria em si nada de inquietante" (MARCEL, 1955, p. 9). Nas palavras do próprio Marcel:

O homem contemporâneo está alienado, tendo em conta que alienação significa "o fato de que o homem parece haver se convertido cada vez mais em um estranho para si mesmo, para sua própria essência, até o ponto de pôr em dúvida esta essência ou, pelo menos, negar-lhe toda realidade original, como podemos ver nas expressões mais extremas do existencialismo contemporâneo (MARCEL, 1955, p. 10).

Esta alienação do homem, segundo Marcel, encontra-se refletida com uma grande clareza na arte contemporânea, que destaca e aguça a deformação da figura humana até fazê-la praticamente irreconhecível (MARCEL, 1955, p. 10-11).

Esta alienação alcança seu ponto mais alto no "homem do barraco". O homem do barraco é um homem que em outro tempo possuiu um lugar, uma família e um trabalho relacionado com a terra e os animais, porém que agora já não possui nada, exceto um trabalho impessoal, dedicado à construção de edifícios ou de ruas. É um homem que possuía uma vida e que agora somente possui suas recordações e um lugar onde viver e comer, no entanto, carente de calor. O "homem do barraco" é, segundo Marcel, o homem que perdeu suas raízes, que já

não pertence a nenhum lugar. Esse homem que já quase não é um ser humano é precisamente o que se coloca uma questão: "sempre a mesma e, certamente, ele não espera obter uma resposta: Quem sou eu? Se pergunta ele, por que vivo? E que sentido tem tudo isto?" (MARCEL, 1955, p. 12).

Para Marcel, a resposta que pede a pergunta do "homem do barraco" não pode vir nem do Estado nem da sociedade em geral, nem tampouco de outro indivíduo, ou de outro homem que tenha uma vida própria. O Estado não pode oferecer a resposta concreta que o homem necessita. O homem que tem uma vida plena tampouco pode responder a esta pergunta do "homem do barraco", pois "ele não pode compreender esta questão mais do que de modo imperfeito por que não sabe o que significa haver perdido sua pátria, sua casa, com todos os que amamos" (MARCEL, 1955, p. 13). A esperada resposta somente podia dar-lhe outra pessoa que estivesse na mesma situação que ele, porém, se essa pessoa se encontrasse nessa mesma situação, tampouco poderia responder à pergunta. Deste modo, segundo Marcel, a pergunta adquire um caráter que supera o nível do simples indivíduo e se generaliza a todas essas pessoas desarraigadas e que perderam o que mais amavam. E, inclusive, vai mais além, pois esta pergunta renasce em cada homem que enfrenta essa perda de sua casa (*chez lui*).

Quando o homem se sente vivo, a pergunta, por si mesma, desaparece, porque nestes momentos sabe perfeitamente quem é e por que vive, porém, quando o desenraizamento aparece, a pergunta nasce com uma grande intensidade. Além disso, esta pergunta se faz cada vez mais angustiante porque, cada vez mais, afeta mais pessoas, já que a civilização contemporânea é a civilização do desenraizamento (MARCEL, 1955, p. 14). Isto significa que o niilismo é contagioso e o é até o ponto em que hoje em dia não somente as pessoas deslocadas perderam seu lugar e suas raízes, senão, inclusive, aquelas pessoas que nem sequer se deram conta desta perda porque continuam no mesmo lugar. Para Marcel, estas pessoas que vivem comodamente, não podem deixar de abordar certas questões diante da presença do "homem do barraco". Ao fazê-lo, comprovam que as características extremas que obrigaram este a deixar tudo atrás de si podem afetá-lo também e convertê-lo em outro "homem do barraco": "não há nenhuma razão para supor que esses homens tenham merecido seu destino nem para pensar que, pelo contrário, eu estou isento de todo reproche" (MARCEL, 1955, p. 16). O ser humano que se viu obrigado a se questionar sobre si mesmo e a refletir "tomou consciência do caráter precário e contingente das condições que constituem o quadro mesmo de sua existência" (MARCEL, 1955, p. 17). O homem compreende que o que ele considerava como normal está

garantido por condições que são excepcionais. Quer dizer, o homem se dá conta de sua contingência e de sua finitude, assim como da contingência e finitude de seu "mundo".

O "homem do barraco" obriga a dirigir a reflexão ao concreto, ao indivíduo (MARCEL, 1955, p. 19). Daí que a resposta à pergunta que se fazia não pode ser que ele é um ser racional: apesar de ser certa, essa resposta é insuficiente (MARCEL, 1955, p. 21-22). O homem contemporâneo necessita de uma resposta mais precisa a sua pergunta. Para encontrá-la, Marcel considerou que era necessário aprofundar nos motivos da aparição do "homem do barraco", pois este é, em parte, o resultado de eventos históricos marcados por uma conjunção de diversos fatores que favoreceram o aumento do desenraizamento e os deslocamentos massivos de populações. Entre estes fatores se encontram o nacionalismo, a revolução industrial e o maquinismo (MARCEL, 1955, p. 23-24); o liberalismo, que provocou um forte individualismo, o marxismo que, no fundo, não superou o individualismo (MARCEL, 1955, p. 24-25), e, sobretudo, as duas Guerras Mundiais.

No entanto, segundo Marcel, estes fatores históricos não mostram o verdadeiro alcance da situação agonizante do homem. A situação do homem contemporâneo é tão grave porque "é uma verdadeira necrose, cujo princípio é metafísico" (MARCEL, 1955, p. 26). A situação de agonia do homem que se pergunta por si mesmo e pelo sentido de sua vida, e que não encontra uma resposta, é devido, como já se sinalizou, a perda da referência divina pelo homem que deixou de confrontar-se com Deus, de quem é criatura e imagem. Ou seja, a situação do homem contemporâneo, caracterizada pela aparição do "homem do barraco", tem sua origem na morte de Deus anunciada por Nietzsche (MARCEL, 1998, p. 207). Isto é assim porque essa morte de Deus no pensamento de Nietzsche, diferentemente do que acontecia em Hegel, está dotada de um forte caráter existencial, pessoal e, sobretudo, trágico, já que a afirmação nietzschiana é mais rotunda: "nós matamos a Deus" (MARCEL, 1955, p. 26-30).

Já que a superação do niilismo, graças ao super-homem, é uma solução irreal ou carente de valor (MARCEL, 1955, p.31-32), diante da morte de Deus, o homem se transformou em um ser que guarda a recordação de uma vida vivida em plenitude e que aceita a fragmentação de seu ser e sua lenta agonia (MARCEL, 1955, p. 42-43). Daí o diagnóstico de Marcel: "é necessário (...) ver no niilismo o limite de um processo de decomposição que tem lugar a partir do momento em que de uma ou outra maneira a plenitude original da experiência vivida se desfez" (MARCEL, 1955, p. 45). Por isso, o "homem do barraco" vive em uma situação na qual sua vida foi desumanizada, mas ele segue crendo na vida plena. Ele é a vítima de um crime que

não foi cometido por ninguém concretamente e esse caráter anônimo do crime é, segundo Marcel, o signo do "caráter metafísico" do mesmo (MARCEL, 1955, p. 57).

A morte de Deus e a agonia do homem contemporâneo: diálogo com Nietzsche

A Segunda Guerra Mundial, segundo Marcel, tornou ainda mais palpável algo cujas raízes se encontram no século anterior: a agonia do homem. O homem contemporâneo é um ser que agoniza e a Segunda Guerra Mundial somente foi a última enfermidade que atacou esse ser moribundo. Ante esta situação de enfermidade, Marcel considerou necessário realizar uma reflexão para encontrar sua origem e suas causas, que, segundo ele, se descobrem na obra de Nietzsche. É a partir da morte de Deus nietzschiana que o homem tende a devir, em um sentido radical, uma questão para si mesmo. O homem não tem assegurada a legitimidade de sua existência. Nenhuma certeza existencial lhe conforta como um "dado" irrecusável. Este deslocamento da questão filosófica engendra o que Marcel chamaria "*une véritable nécrose*" e que vem a ser a origem da angústia metafísica moderna" (SECO, 1989, p. 572). Portanto, a morte de Deus, anunciada por Nietzsche, provocou a agonia do homem. Por isso mesmo, Marcel considerou o filósofo alemão como o dialogante principal nesta questão, como a maior testemunha da situação trágica que vive o homem contemporâneo (MARCEL, 1979, p. 9-10). Porém, a morte de Deus na obra de Nietzsche não significa, segundo Marcel, a morte do Deus da Revelação, senão a do Deus da Teodicéia. Quem está morto não é o Deus pessoal, mas o Deus Causa Primeira, Motor Imóvel ou Primeiro Motor. Daí que, para sair da crise provocada por esta morte, seja necessário recuperar o Deus vivo (MARCEL, 1979, p. 24).

A morte de Deus significou a desapareição de "uma determinada maneira de conceber bem a Deus mesmo, ou melhor, falando mais claramente, o modo determinado de relação que me une a esse Deus ao que me refiro enquanto homem" (MARCEL, 1955, p. 61). A morte de Deus é a perda de Deus como referência para o homem e, como consequência disso, há a absolutização do homem: o homem que perdeu sua relação com Deus se converte em seu próprio ídolo e pouco a pouco destrói a si mesmo (MARCEL, 1955, p. 61-62). A única possibilidade de superar a agonia do homem consiste em recuperar a relação adequada com o que é diferente e superior ao homem. Esta recuperação implica acabar com a concepção de um Deus Causa e encontrar um novo caminho até Ele: um Deus pessoal, que comparece na invocação e na oração.

Para Marcel, o verdadeiramente importante, e no que ele concentrou sua reflexão, são as consequências desastrosas que teve essa morte de Deus para o homem (MARCEL, 1991, p. 21), pois ela está longe de abrir o caminho ao super-homem e ao surgimento de valores superiores, e somente levou o homem ao absoluto niilismo. Segundo Marcel, a morte de Deus no pensamento de Nietzsche é o cume da transmutação dos valores porque, como dizia um dos personagens de Dostoiévski, sem Deus tudo é válido, já que os valores dependem de uma hierarquia que, uma vez rota, perde seu valor, e somente Deus pode garantir essa hierarquia.

O niilismo reinante é a prova de que o anúncio da morte de Deus influenciou vitalmente no homem contemporâneo: o homem do século XX é aquele que se pensa a partir da proclamada e aceita morte de Deus e, por esta razão, é um ser agonizante e decadente que não pode encontrar um sentido para sua vida, que caminha sem rumo em um mundo carente de todo valor. É um homem que se pergunta, incessantemente, quem é e, apesar de todas as informações das diferentes ciências, não encontra uma resposta a essa angustiante pergunta (MARCEL, 1955, p.69-71). Esta falta de resposta e de referências é, segundo Marcel, a primeira consequência da morte de Deus e é catastrófica para o homem, pois este não pode existir sem algo que lhe indique a rota a seguir (MARCEL, 1993, n. 3, p. 47).

Apesar de que, segundo Marcel, Nietzsche se enfrentou ferozmente com o niilismo, sua luta não foi eficaz: o super-homem é irrealizável (SECO, 1989, p. 578). Marcel, por outro lado, considerou necessário rechaçar a tentativa nietzscheana e destacar que o niilismo é, tal como viu Péguy, o envelhecimento do homem (MARCEL, 1979, p. 18), não somente biológico, mas sobretudo interior, da alma (MARCEL, 1955, p. 19). O niilismo, longe de ser algo positivo, é simplesmente a decadência do homem contemporâneo (MARCEL, 1979, p. 19-20), que, segundo Marcel, não é inevitável, o homem tem o poder de deter seu envelhecimento: "*Mais, la mystérieuse condition qui est celle de l'homme comporte, je le repète, une sorte de retournement possible de la vieillesse*"⁵ (MARCEL, 1979, p. 20-22). Porém, isto exige que ele reconheça sua situação e não se esconda atrás do orgulho e da pretensão de dominação que as técnicas põem cada vez mais em suas mãos (MARCEL, 1979, p. 23). O homem, para recuperar a si mesmo, segundo Marcel, deve superar o niilismo e o pessimismo, porque estas posturas supõem um abandono do esforço que impede superar o envelhecimento e a agonia (MARCEL, 1979, p. 23).

⁵ "Mas a condição misteriosa que é a do homem tem, repito, uma espécie de uma possível reversão do velho" (tradução nossa).

O homem agonizante, para poder superar sua morte, deve ser valente e enfrentar o seu próprio envelhecimento interior. Porém, ao dirigir-se à sua intimidade para encontrar essa força que lhe ajude a superar a agonia, descobre que é um ser problemático para si mesmo, um ser que é uma pergunta por si mesmo.

Considerações conclusivas

O presente trabalho, sem muitas pretensões, pretendeu elaborar uma fenomenologia do homem contemporâneo à luz do pensamento de Gabriel Marcel, que foi profundamente marcado pela experiência de duas Guerras Mundiais. Diante da análise marceliana, conclui-se que o mesmo, usando de uma espécie de neo-socratismo cristão, faz eclodir um forte desejo de retomar o problema do ser e o problema de Deus, por consequência. Diante de semelhante mundo, o homem sente, segundo Marcel, uma profunda exigência de que haja ser porque a vida só pode recuperar sua consistência, ver a si mesma como uma exigência de ser, de absoluto.

Marcel defende que a morte de Deus na obra de Nietzsche não significa a morte do Deus da Revelação, senão a do Deus da Teodicéia. Quem está morto não é o Deus pessoal, senão o Deus Causa Primeira, Motor Imóvel ou Primeiro Motor. Daí decorre que o papel insubstituível da religião é ajudar o homem a sair da crise provocada por esta morte, recuperando necessariamente o Deus vivo e pessoal.

Esse homem contemporâneo que se pergunta incessantemente quem é e, frente ao desamparo da sociedade e apesar de todas as informações das diferentes ciências, não encontra uma resposta a essa angustiante pergunta, é um homem vocacionado a buscar em Deus o Tu absoluto, a rota, a direção, o sentido para sua vida.

Resta saber se é possível nos contentar com um Deus que, em Marcel, não passa pelo crivo da razão, mas que só é acessível pela experiência mística. Não estaríamos caindo num fideísmo agnóstico? Esta questão poderia gerar novas discussões acerca do pensamento de Marcel.

Referências

- LÁZQUEZ, Carmona, F. *La filosofía de Gabriel Marcel*. Madrid: Encuentro, 1988.
- CAÑAS, J. L. *Gabriel Marcel: filósofo, dramaturgo y compositor*. Madrid: Palabra, 1998.
- CHENU, J. *Le théâtre de Gabriel Marcel et sa signification métaphysique*. Paris: Aubier-Montaigne, 1948.
- COLIN P. *Existentialisme Chrétien, en el tomo Existentialisme Chrétien: Gabriel Marcel*. Paris: Plon, 1947.
- DE CORTE, M. *La Philosophie de Gabriel Marcel*. Paris: Tequi, 1938.
- DE CORTE, M. Réflexions sur Gabriel Marcel et J. P. Sartre. In: *Revue de Philosophie*, 1946 (número dedicado ao existencialismo; 2ª edição em 1947).
- DELHOMME, J. La philosophie de M. Gabriel. In: *Revue Thomiste*, Janvier, 1938.
- DUBOIS-DUMÉE, J. P. *Solitude et communion dans le théâtre de Gabriel en el tomo Existencialisme*. Chrétien: Gabriel Marcel Marcel,.
- FESSARD, G. *Théâtre et mystère. E sens de L'oeuvre dramatique de Gabriel Marcel*. Introducción a “La soif”.
- FOULQUIÉ, P. *El existencialismo* (versión española de Maria L. Morales). Barcelona – Buenos Aires: Surco, 1948.
- GALLAGHER, K. T. *La filosofía de G. Marcel*. Madrid: 1966.
- GILSON, E. In *Aa.vv., Existentialisme chrétien: Gabriel Marcel*. Paris: Plon, 1947.
- GILSON, E. *Un exemple, en el tomo Existencialisme Chrétien: Gabriel Marcel*.
- GONZÁLEZ; ALVAREZ, A. *El tema de Dios en la filosofía existencial*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1945.
- GONZÁLEZ, J. La metafísica de la esperanza como vía de acceso a Dios: dimensiones de la filosofía de Gabriel Marcel. *Franciscanum*, 6 (1964), pp. 236-296.
- GRENE, M. G. *El sentimiento trágico de la existencia: análisis del existencialismo: Kierkegaard, Heidegger, Jaspers, Sartre, Marcel, Aguilar*. Madrid: 1952.
- JASPERS, K. *Situação espiritual da nossa época*. 1931
- JOLIVET, R. *As doutrinas existencialistas*. Porto: Tavares Martins, 1975.
- JOLIVET R. – El existencialismo cristiano de Gabriel Marcel. In: *Sapientia*, primeiro trimestre, 1947. (Ano 2, n. 3).
- LELOTTE, F. *Convertidos do século XX*. Agir: Rio de Janeiro, 1966.
- LUENGOS, F. L. El sentido de La vida em Gabriel Marcel. *Colección Persona*. Salamanca: Fundación Emmanuel Mounier, 2012.

- MARCEL, Gabriel. *Journal Métaphysique* Paris: Gallimard, 1927
- MARCEL, Gabriel. *Dos discursos y un prólogo autobiográfico*. Barcelona: Herder, 1967
- MARCEL, Gabriel. *Etre et Avoir*. Paris: Aubier, 1935
- MARCEL, Gabriel. *Du Refus à l'invocation*. Paris: Gallimard, 1940
- MARCEL, Gabriel. *Homo Viator: Prolégomènes à une métaphysique de l'espérance*. Paris: Aubier-Montaigne, 1944
- MARCEL, Gabriel. *La métaphysique de Royce*. Paris: Aubier-Montaigne, 1945
- MARCEL, Gabriel. *Position et aproches concrètes du mystere ontologique*. Paris: Nauwelaerts Vrin, et Louvain, 1949
- MARCEL, Gabriel, Le mystère de l'être. *Reflexion et mystere*, vol.I, Paris: Aubier-Montaigne, 1950
- MARCEL, Gabriel, *Le mystère de l'être - vol.II*. Paris: Foi et realite, Aubier-Montaigne, 1951
- MARCEL, Gabriel. *Les hommes contre l'humain*. Paris: La Colombe, 1951
- MARCEL, Gabriel. *Le Déclin de La Sagesse*. Paris: Plon, 1954
- MARCEL, Gabriel. *L'homme problématique*, Paris: Aubier-Montaigne, 1955
- MARCEL, Gabriel. *Présence et immortalité* – col. Homo Sapiens. Paris: Flammarion, 1959
- MARCEL, Gabriel. *La dignité humaine et ses assises existetielles*. Paris: Aubier, 1964
- MARCEL, Gabriel. *Paix sur la terre*. Paris: Aubier, 1965
- MARCEL, Gabriel. *Dos Discursos y un prólogo autobiográfico*. Barcelona: Herder, 1965
- MARCEL, Gabriel. *En busca de la verdad y de la Justicia* (Seis conferencias a Estudiantes universitários). Barcelona: Herder, 1967
- MARCEL, Gabriel. *Entretiens Paul Ricoeur-Gabriel Marcel - coll. Présence Et Pensée*, Paris: Aubier, 1968
- MARCEL, Gabriel. *Pour une sagesse tragique et son au-delá*. Paris: Aubier, 1968
- MARCEL, Gabriel. *Coleridge et Schelling*. Paris: Aubier Montaigne, 1969
- MARCEL, Gabriel. *En Chemin vers quell éveil? - col. Voies Ouvertes*. Paris: Gallimard, 1971
- SECO, J. P. *Introducción al pensamiento de Gabriel Marcel*. Madrid: Instituto Emanuel Mounier, 990.
- TROISFONTAINES, Roger. *De l'existence à l'être. La Philosophie de G. Marcel*, 2 vol. Louvain: Neuwalaerts et Paris, Vrin, 1968 (éd. or. 1953).
- URBANOZ, Teófilo. *História de la filosofía*. Madri: B.A.C., v. 6, 1978.